

**HISTÓRIA E LITERATURA EM TENSÃO:
NARRATIVAS DO IMPERADOR ROMANO
HELIOGÁBALO (218-222 EC) EM ÀS AVESSAS (1884)
E IRYDION (1836)**

**HISTORY AND LITERATURE IN TENSION:
NARRATIVES OF THE ROMAN EMPEROR
HELIOGABALUS (218-222 CE) IN ÀS REBOURS (1884)
AND IRYDION (1836)**

CARLOS AUGUSTO LIMA BARROS¹

Resumo: A figura do imperador romano Heliogábalo (218–222 EC) foi marcada, nas fontes antigas, por uma representação predominantemente negativa, associada à luxúria, ao excesso e à transgressão das normas sociais romanas. Essa imagem permaneceu influente na tradição historiográfica posterior e foi retomada em diferentes produções artísticas. A partir dessa perspectiva de recepção da Antiguidade, este artigo analisa as narrativas literárias sobre Heliogábalo em duas obras do século XIX: *Às avessas* (1884), de Joris-Karl Huysmans, e *Irydion* (1836), de Zygmunt Krasiński. Investiga-se como essas produções mobilizam tradições históricas e recursos retóricos próprios da literatura na construção de imagens do imperador, articulando elementos históricos e ficcionais. Ao explorar essas obras literárias, o estudo propõe uma reflexão sobre as fronteiras entre discurso historiográfico e literário, considerando tanto a dimensão narrativa da historiografia quanto a historicidade das obras ficcionais. Argumenta-se que essas obras não apenas reelaboram tradições antigas, mas inserem-se em uma complexa relação de escrita da história e da literatura, que não apenas entram em tensão, mas também estabelecem aproximações estruturais.

Palavras-chave: Heliogábalo; História e literatura; recepção da Antiguidade.

Abstract: The figure of the Roman emperor Elagabalus (218–222 CE) was marked, in ancient sources, by a predominantly negative representation, associated with lust, excess, and transgression of Roman social norms. This image remained influential in later historiographical tradition and was revisited in different artistic productions. From this perspective of reception of Antiquity, this article analyzes the literary narratives about

¹ Mestre em História e Conexões Atlânticas: Culturas e poderes pela Universidade Federal do Maranhão. Desenvolvo pesquisas dentro da área de Antiguidade, gênero, sexualidade e representações antigas e contemporâneas do imperador romano Heliogábalo (218-222 d.C.) com ênfase em noções de conexão, circularidade, cultura, poder, representação e estudos sobre o Oriente antigo e a África antiga. Email: carlos.barros1300@gmail.com.

Elagabalus in two 19th-century works: *À rebours* (1884), by Joris-Karl Huysmans, and *Irydion* (1836), by Zygmunt Krasiński. It investigates how these productions mobilize historical traditions and rhetorical resources typical of literature in the construction of images of the emperor, articulating historical and fictional elements. By exploring these literary works, the study proposes a reflection on the boundaries between historiographical and literary discourse, considering both the narrative dimension of historiography and the historicity of fictional works. It is argued that these works not only rework ancient traditions, but also insert themselves into a complex relationship between the writing of history and literature, which not only creates tension but also establishes structural convergences.

Keywords: Heliogábalo; History and literature; Reception of Antiquity.

Introdução

A figura do imperador romano Heliogábalo (218–222 EC) foi marcada, nas fontes antigas escritas, por uma representação predominantemente negativa, associada à luxúria, ao excesso e à transgressão das normas sociais romanas, especialmente em relação ao *mos maiorum*². Construída por autores da tradição clássica, essa imagem permaneceu influente na historiografia posterior e atravessou diferentes contextos históricos, sendo constantemente retomada e reelaborada

Entre esses contextos, o século XIX se destaca pela produção de narrativas literárias que mobilizam o passado antigo a partir de preocupações próprias de seu tempo. Nesse período, a figura de Heliogábalo aparece em obras ficcionais que articulam, em seus discursos, elementos históricos sobre o imperador, revelando reinterpretações de sua narrativa em novos enquadramentos. Essa relação entre literatura e narrativas históricas passa a entrar em tensão com o movimento, ao longo do século XIX, de constituição da História como ciência, marcado pela busca de uma base teórico-metodológica voltada à verdade histórica e, conseqüentemente, pelo afastamento da literatura de seus domínios.

História e literatura se inserem em uma complexa rede de discursos, envolvendo os interesses próprios de suas áreas e produções, ao mesmo tempo em que mantêm uma relação histórica de contato e intercâmbio, que, no século XIX, passa por um processo de distanciamento com a institucionalização da História como ciência. Ao tomar essas obras como estudo de caso, propõe-se uma reflexão sobre as fronteiras entre as narrativas históricas e literárias, considerando tanto a dimensão narrativa da história quanto a historicidade das produções ficcionais.

² “conjunto de regras de conduta, morais e políticas, não sistematizado, transmitido no seio da aristocracia senatorial tradicional” (LEMOS, Márcia Santos. O ‘mos maiorum’ e a fortuna do Império Romano no século IV d.C. **Dimensões**, vol. 25, 2010, p. 46-62, p. 47). Podendo ser entendido enquanto responsável por definir a língua, nomes, vestuário, códigos moralidade e de comportamento que o cidadão romano deveria seguir.

Heliogábalo é mobilizado nessa análise pela complexidade de seu estudo e de sua representação escrita, uma vez que sua figura envolve não apenas questões teórico-metodológicas relacionadas ao uso das fontes antigas, mas também debates acerca do conteúdo nessas mesmas fontes. Os autores antigos que abordam seu reinado estão inseridos em um contexto de produção aristocrática, marcado por tensões com suas escolhas políticas, frequentemente associadas a uma forte conexão com sua identidade cultural oriental. Nesse sentido, ao mobilizar elementos culturais de sua terra natal, Emesa, na província da Síria Romana, o imperador entra em conflito com visões etnocêntricas romanas sobre o Oriente e seus povos.

No século XIX, o imperador insere-se em um movimento de revisitação e reinterpretação de seu estudo. No campo historiográfico, esse interesse se manifesta por meio de traduções, edições críticas e obras de síntese que retomam as principais fontes³ sobre o imperador⁴, como Dião Cássio e a História Augusta, além de estudos históricos que o inserem em narrativas mais amplas sobre Roma. Paralelamente, no âmbito literário, Heliogábalo também é mobilizado como figura simbólica e narrativa, aparecendo em diferentes gêneros e propostas estéticas, como no poema *Algabal* de Stefan George, no conto *William Wilson* de Edgar Allan Poe, no romance *As avessas* de Joris-Karl Huysmans e no drama *Irydion* de Zygmunt Krasiński.

Dessa forma, ao ser incorporado nos discursos literários, Heliogábalo passa a integrar narrativas que dialogam com a historicidade das fontes, ainda que não em uma perspectiva dialética, mas voltadas para os propósitos ficcionais das narrativas. Nesse processo, as obras aqui analisadas complexificam os debates em torno da ficção e da própria relação entre história e literatura que, no século XIX, assume contornos de disputa e distanciamento.

Para a análise proposta, a relação entre a escrita literária e a escrita histórica, em relação às suas tensões e aproximações é abordada a partir de Hayden White (1991; 1994). Complementarmente, dialoga-se com os estudos da recepção, a partir de Lorna Hardwick

³ Como fontes principais que narram os acontecimentos da vida de Heliogábalo têm-se: *História de Roma* de Dião Cássio, *História de Roma depois de Marco Aurélio* de Herodiano e a *História Augusta*. As três fontes escritas são antigas, sendo que as duas primeiras são contemporâneas ao imperador, partindo do século III, enquanto a última, alvo de incertezas sobre sua real produção, é creditada por historiadores enquanto sendo um escrito da segunda metade do século IV (Cerri, 2000, p. 43), além disso, é questionada a veracidade de sua produção por diferentes escritores antigos como a própria sugere, sendo mais aceita a sua produção por um escritor antigo desconhecido que criou diferentes pseudônimos (Cerri, 2000, p. 32-33).

⁴ Para este artigo serão utilizadas as seguintes edições dessas fontes escritas: a versão em inglês de A História de Roma, de Dião Cássio, por Earnest Cary (*The Loeb Classical Library*, 1957); a versão em espanhol de A História de Roma depois de Marco Aurélio, por Juan J. Torres Esbarranch (Editorial Gredos, 1985); e a versão em português da História Augusta, por Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – CECH, 2011).

(2003) e William W. Batstone (2006) considerando o papel do leitor na construção dos sentidos dessas narrativas

Entre o exotismo e a maldade: o imperador Heliogábalo nas fontes antigas e na literatura contemporânea

Vário Avito Bassiano, conhecido na historiografia como Heliogábalo, foi um jovem imperador de origem síria que ascendeu ao poder aos 14 anos, por intermédio de um golpe articulado por sua avó, Júlia Mesa. Segundo as fontes escritas, Mesa era irmã da imperatriz romana Júlia Domna, casada com o imperador Septímio Severo (193–211 EC), e, em razão dessa proximidade familiar, teria convivido na corte imperial durante o governo de seu cunhado e, posteriormente, de seu sobrinho Caracala (211–217 EC), que assumiu o poder após a morte do pai⁵.

No ano de 217, Caracala foi vítima de um golpe político articulado por seu prefeito do pretório⁶, Macrino, sendo assassinado a mando deste, que o sucedeu no poder. Júlia Mesa foi então afastada do centro imperial, Roma, e obrigada a retornar à sua cidade natal, Emesa, na Síria romana; contudo, foi-lhe permitido manter os bens acumulados durante sua permanência na corte imperial⁷, elemento fundamental para a elaboração de um plano de retomada do poder.

Em seu retorno a Emesa, Mesa teria se aproveitado da proximidade de um contingente de soldados romanos estacionados na região, a *Legio III Gallica*⁸, que frequentava o templo do deus solar sírio Elagabal⁹, do qual seus dois netos eram sacerdotes, para divulgar que o mais velho deles, Avito, seria um filho ilegítimo de Caracala. Tal alegação teria mobilizado o apoio da legião, posteriormente consolidado pela promessa de recompensas financeiras, caso seu neto fosse proclamado imperador¹⁰.

⁵ HERODIANO. **Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio**. Tradução de Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 1985, V 3, 2, p. 248.

⁶ Alto oficial do Império Romano com funções militares, legais e administrativas que o colocavam em uma posição de destaque no contexto imperial, bem como se estabelecia como um dos principais conselheiros e ministros do imperador.

⁷ HERODIANO, op.cit., V 3, 2, p. 248.

⁸ Podendo ser traduzido por “Terceira legião Gaulesa”, foi uma legião, maior unidade militar romana, do exército romano criada ainda na República por Júlio César e que no período imperial exerceu atividades na província romana da Síria.

⁹ Elagabal, ou *'lh gbl* (em aramaico), foi um deus cultuado em Emesa na forma de um meteorito negro com incisões em sua superfície, associado à figura do Sol. Sua forma latinizada, *Heliogabalus* ou *Elagabalus*, foi identificada ao deus solar grego Hélios, que unia o Hélios com Gabal (forma como os romanos traduziam o nome da divindade síria), associação posteriormente atribuída ao próprio imperador, que passou a ser chamado de Heliogábalo. Cf. HALSBERGHE, Gaston H. **The Cult of Sol Invictus**. Leiden: Brill, 1972.

¹⁰ HERODIANO, op.cit., V 3, 8-11, p. 250.

Ao se pensar na ascensão de Avito, é necessário considerar a complexidade do contexto que envolveu sua chegada ao poder. O jovem não era apenas um usurpador instrumentalizado por sua avó, mas possuía vínculos familiares com a dinastia severiana, por meio de Júlia Domna, além de já ser conhecido pela *Legio III Gallica* pelo seu parentesco com Domna e pela sua formosura juvenil que inspirava admiração¹¹. Ao mesmo tempo, sua aclamação ocorreu fora do centro imperial, inserida em um contexto oriental específico, e sem que tivesse desempenhado previamente uma carreira política em Roma. Esse conjunto de fatores contribui para compreender sua ascensão como um prenúncio das tensões que marcariam seu reinado, frequentemente associado, nas fontes, a um distanciamento em relação às elites aristocráticas romanas.

Em 218 EC, teve lugar a chamada Batalha de Antioquia, que opôs as forças do imperador Macrino aos partidários de Avito, já aclamado imperador sob o nome de Marco Aurélio Antonino. Seu exército, composto pela *Legio III Gallica* e por outras legiões que aderiram ao movimento, mostrou-se decisivo para a vitória no conflito. Com a derrota de Macrino, posteriormente assassinado, consolidou-se a ascensão de Antonino ao poder imperial¹².

Em sua dissertação, na qual analisa as representações do imperador nas principais fontes escritas sobre seu reinado, Lima Barros (2025) propõe três eixos interpretativos: “imperador”, “oriental” e “desviante”, para compreender como essas narrativas constroem a imagem de Heliogábalo como um tirano exótico e efeminado, indigno de sua posição. Segundo o autor, Herodiano, Dião Cássio e a História Augusta organizam suas representações a partir desses eixos, enfatizando comportamentos e práticas que se colocariam em oposição aos princípios do *mos maiorum*.

A representação do imperador nas fontes acima destacadas está envolvida nos próprios interesses daqueles que escreviam sobre ele, em um contexto que envolvia recortes espaciais, temporais e sociais específicos. Assim, suas representações carecem de análises cuidadosas em relação ao que é narrado. Compreender que essas narrativas atuam como discursos não neutros contribui para o entendimento de que uma fonte textual “apresenta um recorte da realidade e não está isenta de juízo de valores e opiniões ou mesmo de objetivos que visam alcançar a partir do que é representado”¹³.

¹¹ HERODIANO, op.cit., V 3, 8-9, p. 250.

¹² HERODIANO. **Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio**. Tradução de Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 1985, V 4, 8-12, p. 253-254.

¹³ LIMA BARROS. Carlos Augusto. **O Oriente ascende em Roma: uma análise das representações documentais do imperador romano Heliogábalo (218-222 d.C.)**. Dissertação (Mestrado em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes) – Universidade Federal do Maranhão: São Luís, 2025, p. 21.

Como exemplo das narrativas negativas construídas em torno do imperador Heliogábalo nas principais fontes textuais, e com base nos eixos propostos por Lima Barros (2025), destaca-se a atribuição de comportamentos tirânicos, como a ordem de execução de diferentes indivíduos. Entre eles, sobressai a figura do general romano e aliado pessoal do governante, Ganys, que, apesar de sua proximidade e de sua participação na ascensão de Heliogábalo, teria sido morto por ordem do próprio imperador após criticar seus comportamentos¹⁴. As fontes também relatam episódios em que o imperador teria trancado convidados embriagados em uma sala com animais ferozes, como leões¹⁵, além de narrativas em que promove banquetes nos quais pétalas de flores seriam lançadas em excesso, ocasionando a morte dos presentes por sufocamento¹⁶.

Associada a essa construção que o apresenta como tirano, desenvolve-se também uma caracterização negativa de sua identidade cultural oriental. Heliogábalo é descrito como alguém que adotava vestes associadas a sacerdotes fenícios, utilizava indumentárias luxuosas¹⁷ e realizava performances de dança consideradas inadequadas ao seu estatuto¹⁸. Soma-se a isso a ênfase em práticas religiosas tidas como exóticas no contexto romano, como a circuncisão, a abstenção de carne de porco¹⁹ e acusações de sacrifícios humanos, especialmente de crianças²⁰.

Por fim, destaca-se a recorrente caracterização do imperador como efeminado, frequentemente associada à atribuição de práticas homoeróticas receptivas. Tal construção aparece, por exemplo, na descrição de suas vestimentas, consideradas femininas²¹, no uso de maquiagem e adornos luxuosos²², bem como na acusação de que desejaria amputar seus órgãos genitais²³. Soma-se a isso a relação com Hiércles, na qual Heliogábalo é descrito como assumindo o papel de esposa e rainha²⁴.

¹⁴ DIÃO CÁSSIO. **Dio's Roman History**. Traduzido por Earnest Cary. London/Harvard: William Heinemann, Harvard University Press (The Loeb Classical Library). Nine Volume, books LXXI-LXXX, 1957, LXXX 6, 1-3, p. 451; 453).

¹⁵ **HISTÓRIA AUGUSTA**. Vidas de Hélio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalo. Tradução do latim, introdução, notas e índice de Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Universidade de Coimbra, CECH, volume II, 2021, XXV 1, p. 217-218).

¹⁶ Ibidem XXI 5, p. 213.

¹⁷ HERODIANO. **Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio**. Tradução de Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 1985, V 5, 3-4, p. 255.

¹⁸ DIÃO CÁSSIO, op. cit., LXXX 14, 3-4, p. 465.

¹⁹ Ibidem LXXX 11, 2, p. 457.

²⁰ **HISTÓRIA AUGUSTA**, op. cit., VIII 1-2, p. 197-198.

²¹ HERODIANO, op. cit., V 5, 5, p. 255.

²² Ibidem V 8, 1-3, p. 263.

²³ DIÃO CÁSSIO, op. cit., LXXX 11, 1, p. 457.

²⁴ DIÃO CÁSSIO, op. cit., LXXX 14, 4, p. 465.

Os elementos reunidos neste tópico evidenciam a construção, nas fontes textuais, de uma imagem profundamente negativa do imperador, apresentado como uma figura que corromperia o próprio Império Romano e o *mos maiorum*. Essas narrativas, recorrentes nas obras analisadas, contribuíram para a consolidação de uma memória duradoura sobre Heliogábalo, que ultrapassou seu contexto imediato e influenciou sua recepção na Antiguidade Tardia e na historiografia posterior.

Uma figura assim construída tornou-se particularmente suscetível a reinterpretções em diferentes contextos históricos, sendo apropriada tanto por estudos históricos quanto por produções artísticas. Nesse processo, observa-se a articulação entre elementos oriundos das fontes antigas e reelaborações ficcionais, evidenciando uma zona de contato entre Antiguidade e contemporaneidade, na qual se entrecruzam história e literatura.

História e literatura em contato

No contexto do século XIX, a Europa encontrava-se inserida em uma ampla mobilização da cultura escrita, impulsionada pela circulação de ideias, pelo fortalecimento do espírito científico e pela difusão de princípios liberais. Nesse cenário, diferentes grupos sociais passaram a valorizar a produção e a divulgação escrita como forma de expressão e intervenção intelectual²⁵.

A expansão da literatura recreativa, iniciada no final do século XVIII, intensificou-se ao longo do século XIX, acompanhada pelo aumento das taxas de alfabetização e pela ampliação do público leitor. Esse crescimento contribuiu para a consolidação do mercado editorial como um setor economicamente relevante, ao mesmo tempo em que suscitou preocupações entre setores conservadores quanto à difusão de ideias.

Nesse contexto, o Ocidente pode ser compreendido como uma cultura do impresso, marcada pela ampla presença de livros, periódicos, cartazes e outros suportes escritos, que estruturavam diferentes formas de circulação do conhecimento. Tal cultura não se restringia aos letrados, sendo também acessada por meio de práticas mediadas, como leituras coletivas, o que ampliava ainda mais seu alcance social²⁶.

²⁵ DOHMAN, Marcus. Trajetórias, formas e sentidos da cultura escrita. [S.I.]: [s.n.], 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235954272_Trajetorias_formas_e_sentidos_da_cultura_escrita. Acesso em: 19/03/2026, p. 4.

²⁶ CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001, p. 35.

A cultura escrita, no âmbito literário, mobilizava elementos dos contextos em que se inseria para compor suas narrativas. A incorporação de temas e personagens históricos não se limitava à ambientação, mas permitia a reelaboração do passado em novas configurações narrativas, desvinculadas das exigências teórico-metodológicas que marcavam a constituição da História como disciplina científica ao longo do século XIX²⁷.

É nesse cenário que a figura de Heliogábalo se insere. Ao ser retomado pela literatura, o imperador passa a ser mobilizado em novos enquadramentos narrativos, que dialogam com as tradições antigas, mas também as reconfiguram. Assim, ainda que se trate de um personagem histórico, sua trajetória é reelaborada em chave literária, evidenciando uma intersecção entre ficção e história.

Nesse quadro, as produções literárias do século XIX podem tanto reforçar quanto tensionar as imagens construídas nas fontes antigas, operando, em todos os casos, novas configurações narrativas. A literatura, portanto, não apenas retoma Heliogábalo, mas o reinscreve em novos horizontes de sentido, evidenciando o caráter dinâmico de sua recepção.

Dentre essas produções literárias, em *Às avessas*, o escritor francês Joris-Karl Huysmans apresenta um romance centrado no personagem Jean des Esseintes, membro de uma família aristocrática que rejeita a sociedade burguesa do século XIX. Em busca de isolamento, o protagonista retira-se para uma casa de campo, onde passa a se dedicar à contemplação estética e intelectual da arte, da história e da literatura, reunindo coleções e desenvolvendo reflexões sobre diferentes tradições culturais.

Em determinado momento do romance, o personagem tece considerações sobre o imperador Heliogábalo, mobilizando-o como um exemplo de excesso estético e sensorial que se alinha à sua própria sensibilidade.

Il avait, en effet, vécu dans des temps houleux, secoués par d'affreux troubles, sous Caracalla, sous Macrin, sous l'étonnant grand-prêtre d'Émèse, Élagabal, et il préparait tranquillement ses sermons, ses écrits dogmatiques, ses plaidoyers, ses homélies, pendant que l'Empire romain branlait sur ses bases, que les folies de l'Asie, que les ordures du paganisme coulaient à pleins bords il recommandait, avec le plus beau sang-froid, l'abstinence charnelle, la frugalité des repas, la sobriété de la toilette, alors que, marchant dans de la poudre d'argent et du sable d'or, la tête ceinte d'une tiare, les vêtements brochés de pierreries, Élagabal travaillait, au milieu de ses eunuques, à des ouvrages de femmes, se faisait appeler Impératrice et

²⁷ DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In. MALERBA, Jurandir [org.]. **Lições de História**. O caminho da ciência no longo século XIX. Tradução de Domitila Madureira. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 15-31, 2010, p. 15.

changeait, toutes les nuits, d'Empereur, l'élisant de préférence parmi les barbiers, les gâte-sauce, et les cochers de cirque²⁸²⁹.

Nesse trecho, Heliogábalo é construído a partir de elementos já presentes nas fontes antigas, como sua associação ao luxo, ao excesso e à efeminação; no entanto, tais características não são apresentadas como vícios ou desvios, mas como marcas de uma estética refinada e fascinante. Huysmans, por meio do olhar de Jean des Esseintes, não rejeita a tradição textual sobre o imperador, mas a reinterpreta, deslocando seus sentidos.

Assim, aquilo que nas fontes era mobilizado como crítica, o afastamento do *mos maiorum*, o luxo excessivo e a ambiguidade de gênero, é ressignificado como expressão de sensibilidade estética e singularidade. Heliogábalo deixa de ser apenas um exemplo de decadência moral para tornar-se um símbolo de uma estética do excesso, admirada pelo protagonista. Apesar do romance restringir a menção ao imperador somente a essa passagem, ele se destaca como um importante exemplo da recepção da Antiguidade acionada nesse caso pela literatura.

A mobilização da figura de Heliogábalo no romance de Huysmans pode ser compreendida à luz das discussões desenvolvidas pelos estudos de recepção. Tal campo desloca-se de abordagens centradas em uma ideia linear de influência, para uma perspectiva que enfatiza os processos de apropriação e reconfiguração dos elementos da Antiguidade em contextos posteriores. Na recepção, o significado não é dado como estável, mas são analisados como determinados aspectos são selecionados, reinterpretados e investidos com novos sentidos influenciados pelas demandas culturais e intelectuais no contexto espaço-temporal em que se inserem³⁰.

Nessa perspectiva, a narrativa sobre Heliogábalo em *Às avessas* pode ser entendida como um caso de apropriação seletiva³¹, na qual elementos já presentes na tradição antiga são deslocados de seu enquadramento original e reinscritos em uma nova lógica de valorização estética. Nos estudos de recepção ocorre uma distinção entre os valores e significados atribuídos pelos escritores antigos e aqueles produzidos pelas abordagens que os retomam. Tal

²⁸ “Ele havia, de fato, vivido em tempos turbulentos, sacudidos por terríveis convulsões, sob Caracala, sob Macrino, sob o surpreendente sumo sacerdote de Emesa, Heliogábalo; e preparava tranquilamente seus sermões, seus escritos dogmáticos, suas defesas, suas homilias, enquanto o Império Romano vacilava em suas bases, enquanto as loucuras da Ásia e as imundícies do paganismo transbordavam por todos os lados. Recomendava, com o mais sereno sangue-frio, a abstinência carnal, a frugalidade das refeições, a sobriedade no vestir, ao passo que, caminhando sobre pó de prata e areia de ouro, a cabeça cingida por uma tiara, as vestes bordadas de pedrarias, Heliogábalo trabalhava, em meio a seus eunucos, em tarefas femininas, fazia-se chamar Imperatriz e mudava, todas as noites, de Imperador, escolhendo-o de preferência entre barbeiros, cozinheiros e cocheiros de circo”.

²⁹ HUYSMANS, Joris-Karl. *À rebours*. Paris: Tresse et Stock, 1884, p. 19.

³⁰ HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 2–3.

³¹ Ibidem, p. 3–4.

percepção chama atenção para a importância do contexto cultural que abrange essas apropriações, pois mesmo o que é apreendido e o que é ignorado, passa pela sensibilidade desenvolvida do seu leitor, na época e espaço em que ele está posicionado.

Assim, se a imagem do imperador apropriada por Huysmans passa por essa reconfiguração, é justamente pela nova dinâmica cultural em que ele está inserido, unida à própria linguagem literária de que ele se utiliza.

Essa dinâmica pode ser aprofundada a partir do entendimento de que o significado de um texto se constitui no ponto de sua recepção. Nessa chave, o sentido não reside de forma fixa na obra antiga, mas emerge no encontro entre o texto e o leitor, sendo continuamente atualizado em diferentes contextos históricos³². Sendo assim, a leitura de Huysmans, não apenas interpreta Heliogábalo, mas o recria, produzindo uma nova configuração de sentido que se afasta das valorações morais predominantes nas fontes antigas.

Essa reinterpretação sobre o imperador por meio da recepção literária também pode ser observada no drama romântico polonês *Irydion*, de autoria do escritor polonês Zygmunt Krasiński. O cenário de fundo dessa obra é a Roma Imperial, mais especificamente o governo do imperador Heliogábalo, apresentando o personagem fictício Irydion, um escravo grego sob o jugo romano, que carrega um sentimento de ressentimento em relação aos romanos pela destruição e subjugação de sua terra natal, ação pela qual teria sido reduzido à condição de espólio de guerra.

Ao longo do romance, movido pela vingança, Irydion busca a destruição do Império Romano por meio da queda de seu atual imperador, Heliogábalo; enquanto o primeiro é tratado como herói, o segundo assume a função de encarnar a própria maldade e corrupção romana.

Now you have seen my power, fair-haired Grecian. I have conversed with the god of light and the genius of darkness, and the highest of the high priests of the Orient have stood amazed at my words, my sacrifice³³³⁴. [...]
Remain for the mysteries of Baal! Remain, nymph! I am the archpriest! I am beautiful, the Delphic Apollo... There was a time when an entire legion acclaimed me Caesar for the smoothness of my cheeks. Nymph, remain! I command you! I am Augustus, Antoninus, Aurelius, the Lord of Rome, Africa, and India. Why are you silent? Why is your glance so cold and piercing? At your feet I have poured earrings

³² BATSTONE, William W. Provocation: The Point of Reception Theory. In: MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard F. (org.). **Classics and the Uses of Reception**. Malden, MA; Oxford: Blackwell Publishing, p. 14–20, 2006, p. 14; 17–18.

³³ “Agora você viu meu poder, grega de cabelos claros. Conversei com o deus da luz e o gênio das trevas, e os mais elevados sumos sacerdotes do Oriente ficaram maravilhados com minhas palavras, meu sacrifício”.

³⁴ KRASIŃSKI, Zygmunt. **Irydion**. Translated by Charles S. Kraszewski. London: Glagoslav Publications, 2018, p. 210.

and armlets, cloth of purple, expensive sapphires; I have set feasts before you, such as were never dreamed of by the lovers of Sardanapalus!³⁵³⁶

No trecho acima, Heliogábalo é apresentado de forma dramática e teatral. Em uma fala dirigida à personagem Elsione, irmã do protagonista, o imperador busca possuí-la em um simbolismo narrativo que os coloca como polos opostos: ele, expressão dos vícios e da corrupção romana; ela, encarnação da pureza, da justiça e da retidão. Essa oposição estabelece uma estrutura moral clara, na qual se encena a tentativa do “mal” de corromper a virtude.

Inserido em um contexto de rejeição por parte da jovem grega às suas investidas, o imperador insiste para que ela permaneça em sua companhia, valendo-se de enunciados que evidenciam seu poder e sua autoridade tanto no plano terreno quanto no divino. Sua condição de sumo sacerdote o eleva acima dos homens comuns e o coloca em comunicação direta com as divindades; além disso, ele detém o poder máximo no Império. A enumeração de títulos, como Augusto, Antonino, Aurélio, senhor de Roma, África e Índia, reforça a amplitude de seu domínio. Esse poder é ainda acentuado pela ostentação de riquezas e pela evocação de amantes anteriormente subjugados, elementos que contribuem para a construção de sua imagem como figura arrogante e moralmente corrompida.

Embora tal passagem ressalte seu comportamento egocêntrico, ela também o insere em um horizonte de grandeza que contrasta com o tratamento conferido pelas fontes antigas, as quais tendem a operar uma construção discursiva que enfatiza sua inadequação ao poder imperial. Dião Cássio, por exemplo, refere-se reiteradamente a Heliogábalo como o “falso Antônio”, ironizando a adoção de um nome associado a Caracala, além de aproximá-lo da figura do rei mítico assírio, Sardanápalo, tradicionalmente vinculada ao luxo e à dissolução moral³⁷.

Herodiano, por sua vez, enfatiza sua juventude e sua inexperiência política, bem como a influência exercida por membros de seu círculo próximo na condução do governo, ao mesmo tempo em que critica práticas associadas ao seu reinado, como o uso de vestes orientais e a centralidade de seu culto religioso³⁸. Já a *Historia Augusta* combina elementos

³⁵ “Permaneça pelos mistérios de Baal! Permaneça, ninfa! Eu sou o sumo sacerdote! Eu sou belo, o Apolo de Delfos... Houve um tempo em que uma legião inteira me aclamava César pela suavidade de minhas faces. Ninfa, permaneça! Eu ordeno! Eu sou Augusto, Antonino, Aurélio, o Senhor de Roma, África e Índia. Por que você está em silêncio? Por que seu olhar é tão frio e penetrante? Aos seus pés derramei brincos e braceletes, tecido de púrpura, safiras preciosas; preparei banquetes para você, como jamais sonharam os amantes de Sardanápalo!”

³⁶ KRASIŃSKI, op. cit., p. 211.

³⁷ DIÃO CÁSSIO. **Dio's Roman History**. Traduzido por Earnest Cary. London/Harvard: William Heinemann, Harvard University Press (The Loeb Classical Library). Nine Volume, books LXXI-LXXX, 1957, LXXX 1-2, p. 437.

³⁸ HERODIANO. **Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio**. Tradução de Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 1985, V 5, 1-2, p. 254-255; V 5, 5, p. 255; V 7, 2, p. 261.

biográficos com construções de caráter marcadamente caricatural, associando sua imagem à imoralidade e à desordem, como no caso da venda de cargos e da atribuição de funções com base em critérios pessoais³⁹.

Se em *Às avessas* Heliogábalo surge como uma lembrança evocada pelo protagonista, em *Irydion* ele se torna uma figura central para o desenvolvimento da narrativa, representando o próprio Império Romano responsável pela destruição da terra natal do herói. Enquanto nas fontes antigas o imperador aparece como um “oriental” que corrompe os valores do *mos maiorum*, na obra de Krasiński ele encarna a própria corrupção imperial. Roma apresenta-se em um estado de decadência que se torna visível em seu reinado; seus comportamentos não são isolados, mas antes expressões de uma degradação já inscrita na estrutura do Império.

Arise, divine Caesar — You are our lord, and the entire earth is subject to your will. The gods are inimical, jealous of your glory, and so they persecute you with these fatal visions. But they shall disappear in the eternal fire, in the light of most immaculate Mithras, as the cloudy wave does in the azure sea, as the body of Semele in the power of Jove!⁴⁰⁴¹

Heliogábalo é, portanto, construído como a personificação do poder de Roma, um soberano que se projeta simbolicamente acima dos próprios deuses. Essa configuração amplia sua dimensão narrativa e desloca o eixo da crítica moral do indivíduo para a própria estrutura imperial. Nesse sentido, a obra de Krasiński também se apropria das narrativas do imperador, reinscrevendo-as no contexto literário de sua produção, produzindo um novo significado que o associa ao poder e, ironicamente, à imagem de Roma, em contraponto à sua representação oriental que é reforçada pelas fontes antigas.

Essa recepção, contudo, não deve ser compreendida apenas como oposição ou contrariedade em relação às narrativas anteriores. A reinterpretação parte de um elemento fundamental, o encontro entre texto e leitor, compreendido como ponto de recepção⁴², no qual o significado é constituído e atualizado. Nesse processo, os sentidos não estão fixados previamente no texto, mas são produzidos na interação com aquele que o lê e o reinscreve em um novo contexto. No caso da temática deste artigo, Heliogábalo é apreendido a partir de um

³⁹ **HISTÓRIA AUGUSTA**. Vidas de Hélio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalo. Tradução do latim, introdução, notas e índice de Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Universidade de Coimbra, CECH, volume II, 2021, VI 1-4, p. 193-194.

⁴⁰ “Levanta-te, divino César — Tu és nosso senhor, e toda a terra está sujeita à tua vontade. Os deuses são inimigos, invejosos da tua glória, e por isso te perseguem com estas visões fatais. Mas elas desaparecerão no fogo eterno, na luz do imaculado Mitra, como a onda turva desaparece no mar azul, como o corpo de Semele no poder de Júpiter!”

⁴¹ KRASIŃSKI, Zygmunt. **Irydion**. Translated by Charles S. Kraszewski. London: Glagoslav Publications, 2018, p. 214.

⁴² BATSTONE, William W. Provocation: The Point of Reception Theory. In: MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard F. (org.). **Classics and the Uses of Reception**. Malden, MA; Oxford: Blackwell Publishing, 2006. p. 14–20, p. 17-18.

conjunto de narrativas provenientes das fontes antigas e da tradição historiográfica, que configuram um horizonte de recepção a partir do qual a literatura do século XIX opera suas reconfigurações, selecionando, enfatizando e reorganizando elementos conforme seus próprios interesses narrativos.

Nesse processo, a linguagem desempenha um papel central como condição de possibilidade para a própria construção do sentido, pois o sujeito é constituído justamente pela linguagem, inserido em um sistema simbólico historicamente estruturado que molda as formas de compreender e interpretar o mundo⁴³. Desse modo, a recepção não implica uma simples reprodução ou distorção de um significado original, mas um processo de reconfiguração no qual o texto é reconhecido, apropriado e resignificado em novos enquadramentos.

Em *Às avessas*, a reinterpretação realizada por Huysmans insere sua obra intimamente no contexto da Roma antiga, a partir de critérios estéticos próprios, que privilegiam a sensibilidade e a forma em detrimento de qualquer preocupação histórica ou moral. Ao percorrer autores como Salústio, Tito Lívio, Sêneca, Suetônio e Tácito⁴⁴, o personagem não busca uma fidelidade histórica ou moral, mas estabelece um julgamento literário que privilegia estilo, sensibilidade e expressividade. Nesse movimento, a Antiguidade não é retomada como tradição fixa, mas como repertório a ser selecionado, criticado e reorganizado conforme as expectativas do leitor moderno.

L'auteur qu'il aimait vraiment et qui lui faisait reléguer pour jamais hors de ses lectures les retentissantes adresses de Lucain, c'était Pétrone.

Celui-là était un observateur perspicace, un délicat analyste, un merveilleux peintre; tranquillement, sans parti pris, sans haine, il décrivait la vie journalière de Rome, racontait dans les alertes petits chapitres du *Satyricon*, les mœurs de son époque. Notant à mesure les faits, les constatant dans une forme définitive, il déroulait la menue existence du peuple, ses épisodes, ses bestialités, ses ruts⁴⁵.

Ao destacar a escrita de Petrónio como uma forma de observação refinada da vida romana, marcada pela descrição minuciosa dos costumes e pela ausência de julgamento moral explícito, Huysmans estabelece um panorama entre sua própria obra e a forma como o escritor antigo registrava o passado em seu *Satyricon*. O paralelo realizado como narrativas que expõem os vícios, os excessos e as dinâmicas sociais sem a necessidade de uma estrutura moralizante ou de uma finalidade edificante, não apenas aproxima Huysmans de Petrónio, mas evidencia um processo de recepção no qual a Antiguidade é reinterpretada a partir de

⁴³ BATSTONE, op. cit., p. 14–15.

⁴⁴ HUYSMANS, Joris-Karl. À rebours. Paris: Tresse et Stock, 1884, p. 18.

⁴⁵ HUYSMANS, Joris-Karl. À rebours. Paris: Tresse et Stock, 1884, p. 18.

sensibilidades modernas, selecionando e ressignificando elementos do passado conforme novas expectativas estéticas.

Essa mesma percepção da historicidade que compõe o cenário dos seus trechos literários acompanha a sua abordagem sobre Heliogábalo. Huysmans se mostra ciente da tradição histórica que o imperador está inserido, o tratando como sumo sacerdote de Emesa, associando imagetivamente sua figura com joias, seu comportamento como próprio das mulheres e sua lascívia como uma ação constante em sua posição como governante.

A recepção que o autor mobiliza toma como ponto de partida a historicidade do imperador para uma reconfiguração de sentidos. Elementos tradicionalmente mobilizados como críticas nas fontes antigas, como sua religiosidade, sua relação com o luxo e sua ambiguidade de gênero, são reinterpretados como marcas de singularidade estética, sensibilidade e dissidência. Nesse processo, não se trata de uma simples reprodução do passado, mas de uma operação seletiva que reinscreve Heliogábalo em um novo horizonte de significados, ao mesmo tempo que a recepção reconhece e trabalha a partir de sua tradição histórica.

Trabalhando com a mesma percepção da historicidade que envolve Heliogábalo, Krasiński apresenta-o em sua posição imperial, cercado pelo mesmo luxo e pelas mesmas riquezas de ouro e joias que as fontes antigas. Seu primo, Alexandre Severo, que segundo as fontes clássicas foi escolhido por Júlia Mesa para ser o sucessor de Heliogábalo pela afeição que os soldados tinham para com ele, aqui é colocado como um rival para o imperador, sempre à espreita para um possível golpe político, sendo motivo de diálogos cheios de ira e de temor por parte do governante. Um dos elementos que mais se destacam nessa intersecção entre historicidade e reelaboração literária é a religiosidade de Heliogábalo, componente central tanto nas fontes antigas quanto em sua recepção posterior.

Lima Barros associa a função sacerdotal do imperador em relação ao deus sol Elagabal como diretamente ligada à sua própria identidade, pois remetida a sua cultura oriental, a qual ele estava profundamente conectado mesmo após adentrar o círculo imperial de forma oficialmente reconhecida por Roma. Nesse sentido, a sua religiosidade, manifestada pela sua ação sacerdotal ainda em Emesa e continuada em Roma, pode ser compreendida como parte constitutiva de sua forma de se posicionar no mundo, estabelecendo a forma como ele se entendia, logo, uma parte essencial de quem ele era⁴⁶.

⁴⁶ LIMA BARROS. Carlos Augusto. **O Oriente ascende em Roma**: uma análise das representações documentais do imperador romano Heliogábalo (218-222 d.C.). Dissertação (Mestrado em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes) – Universidade Federal do Maranhão: São Luís, 2025, p. 103.

Krasiński recepciona a sua religiosidade, tradicionalmente presente em sua historicidade, e a amplifica em seu texto literário. Dessa forma, são mencionadas diferentes divindades ao longo do texto que inserem Heliogábalo em um posicionamento de maior misticismo e fanatismo que constantemente o associa a um misterioso e exótico Oriente, com uma construção que remete a um imaginário orientalista, já perceptível nas fontes antigas e reativado na narrativa de Krasiński. Em sua primeira aparição na obra, Heliogábalo é descrito com as vestes de um sumo sacerdote e se vangloriando religiosamente para a personagem Elsinoe, enquanto a mesma rejeita as suas divindades.

HELIOGABALUS

Now you have seen my power, fair-haired Grecian. I have conversed with the god of light and the genius of darkness, and the highest of the high priests of the Orient have stood amazed at my words, my sacrifice.

ELSINOE

The daughter of ice holds these soft, dissolute gods, drowned in clouds of incense and wound about by flutes, in contempt! Smeared in the blood of timid deers and infants! And the diamond sun that shines there on your silken breast is nothing compared with the sun of heaven, shining off the snows of the north...⁴⁷⁴⁸

Krasiński desenvolve sua narrativa literária a partir da recepção da religiosidade comumente destacada em sua tradição histórica, inserindo ainda uma noção de rejeição de sua identidade cultural associada ao Oriente, que também marcam a forma como os escritores antigos tratam esse elemento no reinado de Heliogábalo. Essa intersecção promovida pela recepção reinterpreta seu aspecto religioso o potencializando. Nesse sentido, para além de ser o sumo sacerdote de Elagabal, o imperador é construído como uma figura profundamente imersa no universo divino que compõe sua identidade cultural oriental.

É nesse movimento, observado tanto em *Às avessas* quanto em *Irydion*, que se complexificam as fronteiras entre história e ficção, uma vez que ambas operam por meio de construções narrativas que selecionam, organizam e atribuem sentido ao passado. Nesse contexto, a figura de Heliogábalo torna-se um exemplo privilegiado dessa tensão, pois sua imagem é simultaneamente produto de discursos historiográficos marcados por interesses específicos e de reelaborações literárias que não apenas retomam esses elementos, mas os reconfiguram, ampliando suas ambiguidades e potencializando novos significados.

⁴⁷ “HELIOGÁBALO

Agora viste o meu poder, grega de cabelos dourados. Conversei com o deus da luz e o gênio das trevas, e os mais altos sacerdotes do Oriente ficaram maravilhados com as minhas palavras, com o meu sacrifício.

ELSINOE

A filha do gelo despreza estes deuses frágeis e dissolutos, afogados em nuvens de incenso e rodeados por flautas! Manchados com o sangue de cervos tímidos e crianças! E o sol de diamante que brilha em teu peito de seda não é nada comparado ao sol do céu, que reluz nas neves do norte...”

⁴⁸ KRASIŃSKI, Zygmunt. *Irydion*. Translated by Charles S. Kraszewski. London: Glagoslav Publications, 2018, p. 210.

Reflexões em torno da escrita da história a compreendem como uma relação específica com o passado, mediada por um tipo particular de discurso que não se restringe ao simples registro dos acontecimentos. Nesse sentido, os eventos tornam-se históricos por meio de sua organização em uma forma narrativa, por meio da qual são transformados em discurso a partir de interpretações que lhes atribuem coerência e sentido⁴⁹.

Essa centralidade da narrativa aproxima o discurso historiográfico das produções literárias, uma vez que ambos operam por meio de estruturas de linguagem que articulam forma e conteúdo de maneira indissociável. Como destaca Hayden White (1991), no discurso histórico “a linguagem é ao mesmo tempo forma e conteúdo”, de modo que não há separação entre os fatos narrados e a forma como são apresentados⁵⁰.

Nessa perspectiva, a construção do passado depende de operações narrativas que selecionam, organizam e atribuem sentido aos acontecimentos. Ao transformar uma série de eventos em uma narrativa inteligível, o historiador recorre ao que White denomina de “enredamento”, isto é, à atribuição de uma estrutura de enredo que orienta sua interpretação⁵¹. Esse mesmo procedimento pode ser identificado nas produções literárias, que reorganizam elementos herdados da tradição histórica segundo lógicas narrativas próprias.

Nesse contexto, é relevante considerar que as obras analisadas se inserem em um momento específico de transformação da historiografia, marcado ao longo do século XIX por um esforço de cientificação da disciplina histórica na Europa. Esse movimento buscou estabelecer métodos rigorosos, delimitar o campo da História e afastá-la das formas literárias, consolidando a ideia de um conhecimento objetivo e progressivo do passado⁵².

Contudo, como evidenciam as reflexões de White, essa pretensa separação entre história e literatura revela-se insustentável, na medida em que o próprio discurso histórico permanece dependente de estruturas narrativas e de operações figurativas que organizam e atribuem sentido aos acontecimentos que passam a ser reconhecidos como históricos. A consequência disso é que uma mesma sequência de eventos pode ser estruturada de diferentes maneiras, sem que isso implique a negação de sua factualidade. Como afirma White (1994),

⁴⁹ WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. Tradução por Dora Rocha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 21–48, 1991, p. 21; 22.

⁵⁰ Ibidem, p. 23.

⁵¹ WHITE, op. cit. p. 27.

⁵² DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In. MALERBA, Jurandir [org.]. **Lições de História**. O caminho da ciência no longo século XIX. Tradução de Domitila Madureira. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 15-31, 2010, p. 15.

“uma dada sequência de eventos pode ser urdida de inúmeras formas diferentes”⁵³, evidenciando o caráter interpretativo inerente a qualquer narrativa sobre o passado.

Sob essa perspectiva, as representações de Heliogábalo, tanto nas fontes antigas quanto nas obras literárias analisadas, podem ser compreendidas como configurações narrativas que atribuem sentidos distintos a um mesmo conjunto de eventos. Assim, sua imagem não constitui um reflexo direto do passado, mas o resultado de diferentes formas de organização discursiva.

Dião Cássio, Herodiano e a *História Augusta* apresentam narrativas que divergem até mesmo entre si, evidenciando pontos em comum, apresentando informações diferentes ou fazendo escolhas narrativas que contribuem para as imagens do imperador que querem representar, nesse sentido, podem ser compreendidas como configurações narrativas que evidenciam a multiplicidade de construções possíveis para a figura do imperador.

Ao mesmo tempo, a literatura não apenas reproduz essas configurações, mas as reinterpreta por meio de novas operações discursivas. Em *As avessas* e em *Irydion*, observa-se que a figura do imperador é reinscrita em estruturas narrativas que enfatizam ora a sensibilidade estética de sua figura, ora a dimensão simbólica do poder imperial que ele representa. Essas variações decorrem da recepção de sua historicidade e sua reinterpretação por diferentes formas de organização discursiva que orientam cada obra.

Nessa perspectiva, o discurso histórico e o literário aproximam-se como formas de linguagem figurativa, criando uma complexa relação, em que a História, ainda que orientada por um projeto de cientificação, mantém em sua escrita os mesmos mecanismos de construção narrativa que estruturam o discurso literário. Assim, o texto histórico funciona como uma espécie de metáfora ampliada, na medida em que não apenas descreve os acontecimentos, mas orienta a maneira como devemos pensá-los⁵⁴.

Por sua vez, a literatura se apropria de narrativas históricas e propõe reconfigurações próprias, mobilizando bases já existentes, mas atribuindo-lhes novos significados. Nesse sentido, ao narrar o passado sob a forma de tragédia, decadência ou corrupção, o historiador ou o escritor não apenas relata eventos, mas atribui a eles um sentido simbólico que ultrapassa sua dimensão factual.

Dessa forma, as fronteiras entre história e ficção tornam-se menos rígidas, uma vez que ambas operam por meio de procedimentos semelhantes de seleção, organização e

⁵³ WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994, p. 100.

⁵⁴ WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. Tradução por Dora Rocha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 21–48, 1991, p. 26.

significação dos eventos. Como sintetiza Hayden White, as narrativas históricas são “estruturas simbólicas” que não reproduzem os acontecimentos, mas os configuram segundo modelos reconhecíveis de sentido⁵⁵. Nesse movimento, o passado deixa de ser uma realidade simplesmente recuperável e passa a ser compreendido como uma construção continuamente reelaborada pelas linguagens que o tornam inteligível, abrindo espaço para múltiplas interpretações e reconfigurações, como as aqui discutidas nas narrativas literárias sobre Heliogábalo, que articulam suas linguagens com a história e elaboram seus próprios sentidos interpretativos.

Considerações Finais

As análises desenvolvidas ao longo deste artigo evidenciam que as narrativas literárias sobre Heliogábalo no século XIX retomam elementos provenientes da tradição historiográfica e os reconfiguram segundo expectativas estéticas, morais e culturais próprias de seus contextos de produção. Em *As avessas* e *Irydion*, a figura do imperador deixa de operar apenas como referência histórica e passa a constituir um espaço privilegiado de elaboração narrativa, no qual diferentes sentidos são produzidos a partir de sua historicidade.

Nesse processo, a literatura não apenas mobiliza conteúdos oriundos das fontes antigas, mas os reinscreve em novos enquadramentos discursivos, convertendo o imperador histórico em personagem e sua trajetória em matéria narrativa. Tal operação não implica um afastamento da história, mas evidencia a atuação de mecanismos semelhantes de seleção, organização e atribuição de sentido, que aproximam as produções literárias do próprio discurso historiográfico.

A partir dos estudos de recepção, observa-se que essas reconfigurações não devem ser compreendidas como distorções de um significado original, mas como atualizações produzidas no encontro entre texto e leitor, situado em um contexto histórico específico. Nesse sentido, as representações de Heliogábalo nas obras analisadas revelam não apenas a permanência de tradições antigas, mas sua contínua reelaboração, orientada por novas sensibilidades e horizontes de interpretação.

Essa dinâmica torna ainda mais complexa a relação entre história e literatura, especialmente quando considerada à luz das reflexões de Hayden White, para quem o discurso histórico se estrutura a partir de operações narrativas e figurativas que organizam e atribuem sentido aos acontecimentos. Assim, mesmo no contexto de sua afirmação como

⁵⁵ _____. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994, p. 120.

disciplina científica, a História não se dissocia completamente de formas de construção que também operam na literatura.

Desse modo, as narrativas analisadas indicam que as relações entre história e literatura não se definem exclusivamente por oposição, mas por uma articulação mais complexa, na qual tensão e aproximação coexistem. A figura de Heliogábalo, ao transitar entre diferentes regimes discursivos, evidencia que o passado não se apresenta como uma realidade fixa a ser recuperada, mas como um campo aberto de interpretações, continuamente reconfigurado por distintas linguagens e contextos históricos.

Referências

Fontes Primárias

DIÃO CÁSSIO. **Dio's Roman History**. Traduzido por Earnest Cary. London/Harvard: William Heinemann, Harvard University Press (The Loeb Classical Library). Nine Volume, books LXXI-LXXX, 1957.

HERODIANO. **Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio**. Tradução de Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

HISTÓRIA AUGUSTA. **Vidas de Hélio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalo**. Tradução do latim, introdução, notas e índice de Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Universidade de Coimbra, CECH, volume II, 2021.

Bibliografia

BATSTONE, William W. Provocation: The Point of Reception Theory. In: MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard F. (org.). **Classics and the Uses of Reception**. Malden, MA; Oxford: Blackwell Publishing, p. 14–20, 2006

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

DOHMAN, Marcus. Trajetórias, formas e sentidos da cultura escrita. [S.I.]: [s.n.], 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235954272_Trajektorias_formas_e_sentidos_da_cultura_escrita. Acesso em: 19/03/2026.

DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir [org.]. **Lições de História**. O caminho da ciência no longo século XIX. Tradução de Domitila Madureira. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 15-31, 2010.

HARDWICK, Lorna. **Reception Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HUYSMANS, Joris-Karl. **À rebours**. Paris: Tresse et Stock, 1884.

KRASIŃSKI, Zygmunt. **Irydion**. Translated by Charles S. Kraszewski. London: Glagoslav Publications, 2018.

LIMA BARROS. Carlos Augusto. **O Oriente ascende em Roma**: uma análise das representações documentais do imperador romano Heliogábalo (218-222 d.C.). Dissertação

(Mestrado em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes) – Universidade Federal do Maranhão: São Luís, 2025.

LEMOS, Márcia Santos. O ‘mos maiorum’ e a fortuna do Império Romano no século IV d.C. **Dimensões**, vol. 25, p. 46-62, 2010.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. Traduzido por Dora Rocha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, p. 21-48, 1991.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994.